



A PEDAGOGIA DE CÉLESTIN E ÉLISE FREINET TRANSPONDO FRONTEIRAS (ITÁLIA, 1974-1980)

Mônica Jinzenji
Faculdade de Educação,
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
monicayj@ufmg.br

Junia Boroni
Faculdade de Educação
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
juniaboroni18@gmail.com

Mariana Gonçalves André
Faculdade de Educação
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
mariana.contato.psi@gmail.com

RESUMO

Este artigo, baseado em pesquisa documental de cunho historiográfico, analisa jornais escolares produzidos por estudantes de escolas elementares da região norte da Itália no período de 1974 a 1980. Por meio dos referenciais da História da Leitura e em diálogo com os estudos em História da Educação, analisa-se o desenvolvimento e a internacionalização dessa prática educativa, proposta por Célestin e Élise Freinet desde a década de 1920. Verifica-se a influência dos princípios anarquistas no uso dos jornais como substitutos dos manuais e livros nas atividades escolares, na integração entre a escola e as famílias, e na produção da centralidade dos estudantes como produtores de conhecimento e como sujeitos críticos das desigualdades e injustiças sociais.

Palavras-chave: Pedagogia Freinet. Jornais escolares. Educação popular. Anarquismo.

LA PEDAGOGÍA DE CÉLESTIN Y ÉLISE FREINET TRANSPONIENDO FRONTERAS (ITALIA, 1974-1980)

RESUMEN

Este artículo, basado en investigación documental de tipo historiográfico, analiza periódicos escolares producidos por estudiantes de escuelas primarias de la región norte de Italia en el periodo de 1974 a 1980. Por medio de los referenciales de la Historia de la Lectura y en diálogo con los estudios en Historia de la Educación, se analiza el desarrollo y la internacionalización de esta práctica educativa, propuesta por Célestin y Élise Freinet desde la década de 1920. Se verifica la influencia de los principios anarquistas en el uso de los periódicos como sustitutos de los manuales y libros en las actividades escolares, en la integración entre la escuela y las familias, y en la producción de la centralidad de los estudiantes como productores de conocimiento y como sujetos críticos de las desigualdades e injusticias sociales.

Palabras clave: Pedagogía Freinet. Periódicos escolares. Educación popular. Anarquismo.



THE PEDAGOGY OF CÉLESTIN AND ÉLISE FREINET CROSSING BORDERS (ITALY, 1974-1980)

ABSTRACT

Based on documentary research from a historiographic perspective, this article analyzes school newspapers produced by elementary-school students in the North region of Italy between 1974 and 1980. Through references to the History of Reading and dialoguing with studies on the History of Education, we analyze the development and internationalization of the educational practice proposed by Célestin and Élise Freinet in the 1920s. We found the influence of anarchist principles in the use of newspapers as substitutes for manuals and books in school activities, in the integration between school and families, and in the production of a student centrality and as critical subjects of the inequalities and social injustices.

Keywords: Freinet Pedagogy. School newspapers. Popular education. Anarchism.

LA PEDAGOGIE DE CELESTIN ET ÉLISE FREINET AU-DELA DES FRONTIERES (ITALIE, 1974-1980)

RÉSUMÉ

Cet article, basé sur une recherche documentaire de nature historiographique, analyse les journaux scolaires produits par les élèves des écoles élémentaires du nord de l'Italie de 1974 à 1980. À travers les références de l'Histoire de la lecture et en dialogue avec des études en Histoire de l'éducation, nous analysons le développement et l'internationalisation de cette pratique pédagogique, proposée par Célestin et Élise Freinet depuis les années 1920. On vérifie l'influence des principes anarchistes dans les usages des journaux comme substituts des manuels et des livres dans les activités scolaires, dans l'intégration entre l'école et les familles, et dans la production de la centralité des élèves en tant que producteurs de connaissances et sujets critiques des inégalités et des injustices sociales.

Mots-clés: Pédagogie Freinet. Journaux scolaires. Éducation populaire. Anarchisme.

INTRODUÇÃO

Élise Lagier-Bruno nasceu em 1898 em Pelvoux, cidade pequena de uma região de montanhas ao sul da França, em uma família numerosa na qual quase todas as irmãs e irmãos se tornaram professores de educação primária. Era artista, premiada em concurso nacional de gravura, e, lendo matérias pedagógicas escritas por Célestin Freinet (1896-1966) na revista *Clarté*, interessou-se em trabalhar com ele; em março de 1926, mudou-se para Bar-sur-Loup, para ser sua assistente (SAMPAIO, 1994). Casaram-se pouco tempo depois, e seguiram trabalhando juntos nas escolas de Saint-Paul e em Vence.



Destacamos a coautoria de Élise, que passou a ser conhecida pelo sobrenome Freinet após o casamento e, segundo Michel Launay¹, exerceu uma forte e importante influência em Célestin (1896-1966), do ponto de vista político e artístico (SAMPAIO, 1994). Além disso, teve participação fundamental na continuidade da proposta educacional após a morte de seu companheiro em 1966 e na difusão da obra por meio das publicações, muitas delas, ocorridas após a morte do educador.

O trabalho de tentar reconstruir a trajetória das publicações de Freinet é complexo, e mesmo com os estudos amplos e de síntese produzidos por Rosa Maria Whitaker Ferreira Sampaio (1994) e por Marisa Del Cioppo Elias (1999), temos informações lacunares e imprecisas, quando buscamos traçar uma cronologia sobre o desenvolvimento das ideias e de sua materialização em formato impresso. Em alguns casos, a prática docente e a experimentação em classe precederam em décadas a síntese escrita em obra e, em outros, os livros resultaram da compilação de escritos produzidos para periódicos e boletins ao longo de meses ou anos.

Nesse processo de estudo e compreensão da pedagogia freinetiana, nos parece incontestável o seu caráter internacional, já apontado por outros trabalhos (KANAMARU, 2014; HUERTA, SANCHEZ, 2016), e a urgência em dar visibilidade à atuação de Élise Freinet, não somente na difusão da proposta, quanto na sua própria viabilidade: reconstruiu a escola de Vence após sua destruição durante a II Guerra mundial e a manteve em funcionamento, enquanto Célestin se tornava conhecido internacionalmente e realizava viagens de exploração e articulações políticas e educacionais. Élise participava também dos Congressos da área da educação, além de atuar no dia-a-dia nas escolas, demonstrando essa coparticipação a partir do lugar de narradora onisciente na escrita do livro *Nascimento de uma pedagogia popular*², em que até mesmo os supostos diálogos em sala são transcritos (FREINET, 1978). Ao mencionarmos a pedagogia de Freinet estamos, portanto, nos referindo a uma obra coletiva, cujo sobrenome não se deve reduzir a uma única personagem. Tampouco deve se restringir a iniciativas isoladas, envolvendo somente as escolas que Élise e Célestin criaram e nas quais atuaram. Como veremos adiante, trata-se de uma proposta de educação popular libertária que se desenvolveu sob influência e em diálogo com movimentos de renovação educacional que lhe foram contemporâneos e que a antecederam.

Considerando esse cenário de construção e elaboração de pressupostos e práticas educativas, o cerne deste artigo é explorar a difusão da pedagogia freinetiana em nível

¹ Rosa Maria Whitaker Sampaio (1994) menciona, em seu livro, o depoimento redigido por Launay sobre o trabalho de Célestin e Élise Freinet, demonstrando grande interlocução com a educadora.

² Este livro teve sua primeira edição em 1969, três anos após a morte de Célestin.



internacional, na sua forma materializada, ou seja, em práticas do cotidiano de escolas elementares, particularmente em Pinerolo, localizado ao norte da Região do Piemonte, na Itália, território fronteiriço da origem dessa proposta. Em diálogo com algumas das obras publicadas por Freinet, particularmente *O texto livre* (1973³), *O jornal escolar* (1974⁴) e *a Pedagogia do bom senso* (2004⁵), buscamos identificar a apropriação dos elementos centrais dessa pedagogia na produção de jornais escolares. Esses jornais fazem parte do acervo do Musli (Museu da Escola e do livro para a infância)⁶, situado na cidade de Torino e foram produzidos no período de 1974 e 1980 por estudantes de escolas públicas maternas e elementares⁷.

Fazemos coro com os estudos que buscam realizar uma leitura renovada da obra de Freinet, a exemplo de Manuel Lorenzo (2016), que identifica os vestígios de práticas pedagógicas freinetianas nas escolas das Canárias na década de 1930. De modo semelhante, ao analisar jornais produzidos por estudantes e professoras, buscamos contribuir para ampliar a dimensão transnacional dessa pedagogia, tanto geograficamente quanto temporalmente, visto se tratar de ações desenvolvidas na Itália pelo menos cinco décadas após as primeiras experiências francesas⁸, confirmando sua essência internacional e o forte movimento coletivo docente que o impulsiona até os dias de hoje (ELIAS, 1999).

De acordo com González-Monteagudo (2013), as propostas educacionais de Freinet foram se difundindo ao longo da primeira metade do século XX, estando presentes ainda nas práticas pedagógicas contra hegemônicas na segunda metade, na Europa ocidental (DETTI; DI RIENZO; VERGALLI, 1982). Ao realizar um balanço dessa difusão dos jornais escolares pelos países vizinhos, na década de 1950, Freinet destaca aqueles das escolas italianas como sendo bastante numerosos e que “parecem-se com os nossos jornais franceses como duas gotas de água: têm a mesma fórmula com base em textos livres vivos, a mesma apresentação, a mesma utilização para intercâmbios.” (FREINET, 1974, p. 69).

³ De acordo com informações contidas no próprio livro, sua publicação se deu cerca de 30 anos após o início da experimentação com os textos livres nas escolas, ou seja, a primeira edição teria sido publicada na década de 1950.

⁴ Este livro teve sua primeira edição na década de 1950.

⁵ Este livro, cuja primeira edição data de 1969, resulta da compilação de escritos publicados na revista *L'Éducateur*, órgão pedagógico do Instituto Cooperativo da Escola Moderna no final da década de 1950.

⁶ Museo della Scuola e del Libro per l'infanzia (<https://www.fondazionetancredidibarolo.com>); o contato com os jornais escolares se deu no período de estágio pós-doutoral da primeira autora, realizado na *Università degli Studi di Torino durante os anos 2018 e 2019*.

⁷ Equivale à Educação Infantil e ao primeiro segmento do ensino fundamental no Brasil atualmente; este segundo era/é composto por cinco classes, ou séries.

⁸ Segundo Freinet, em *O jornal escolar* (1974), muitas são as formas de se trabalhar pedagogicamente com os jornais em classe, mas a metodologia que propõe é distinta do que se conhece até então - início da década de 1920 -, admitindo a inspiração na prática do belga Ovide Decroly. Ver também a discussão de Gladys Teive e Norberto Dallabrida (2013).



A Itália parece ter recebido as propostas de Freinet com entusiasmo, e desde o início dos anos 1950, no processo de recuperação após a II Guerra Mundial, educadores engajados reuniram esforços em renovar a educação, ainda com resquícios fascistas, para atender aos princípios da educação para todos, com métodos modernos e que estabelecesse a conexão da escola com os sujeitos nela envolvidos, em integração harmoniosa com a sociedade (BANDINI, 2013).

Ações em torno da Cooperativa da Tipografia Escolar, criada em 1951, que em 1958 se transformou em Movimento de Cooperação Educativa, reuniam educadores empenhados na transformação da escola por meio das técnicas de Freinet, e divulgavam as experiências e novidades nesse campo, contando cada vez mais com novas adesões (PETTINI, 1980).

Mesmo após a morte de Célestin, em 1966, os movimentos de cooperação e internacionalização da pedagogia se expandiram, sob a direção de Élise. Nos encontros internacionais anuais de educadores Freinet, o RIDEF, a segunda edição (1968) teve sede em Veneto, e a Itália organizou outros dois eventos desde então: o décimo quarto, em Torino, em 1982 e o trigésimo em 2014, em Reggio Emilia. Segundo Sampaio (1994, p. 8), o encontro de Torino reuniu mais de 600 educadores de vinte países, o que indica, naquele momento, a vitalidade e a longevidade de um pensamento pedagógico, que está completando 100 anos.

Para apresentarmos nossa análise, este artigo se organiza em outras três partes, além desta introdução. Inicialmente, contextualizamos a pedagogia de Freinet no movimento de renovação educacional da passagem do século XIX para o século XX, apresentando o jornal escolar como um método e uma prática pedagógica original; em seguida, apresentamos e analisamos alguns dos jornais produzidos no contexto italiano, indicando a apropriação desse método pelos estudantes e professoras de escolas elementares; nas conclusões, indicamos as potencialidades da escrita livre como uma das técnicas para a produção da centralidade dos estudantes no processo educativo.

A ESCOLA MODERNA E OS JORNAIS ESCOLARES PROPOSTOS POR FREINET

Em *Pedagogia do bom senso* (2004), Freinet apresenta de forma bastante ilustrativa os princípios do que entende por uma pedagogia centrada no sujeito aprendiz: descreve um cavalo que, contrariando seu dono, recusa-se a beber água, sob protestos, esforços e malabarismos deste, que pretendia preparar-se para uma jornada. Um camponês sábio o informa que, conhecendo cavalos, sabe-se que não sentem sede pela manhã. Conclui, então, que nos enganamos “ao mudar a ordem das coisas e obrigar a beber quem não tem sede” (FREINET,



2004, p. 18). Nesse mesmo exemplo, insiste que de nada adiantaria trocar a água, ou seja, não se trata de alterar o conteúdo, mas de buscar compreender quando e por que o organismo sente sede. A essa alegoria segue um conjunto de reflexões sobre a natureza equivocada e impositiva da educação escolar, que tem ênfase no conteúdo e não em “como fazer a criança sentir sede”. Por fim, defende que, em oposição à escola dita “antiga”, em que os estudantes foram treinados a beber sem sede qualquer bebida, “habitamos os nossos a considerar primeiro toda bebida como suspeita, a experimentá-la e a verificá-la, a elaborar eles mesmos o seu próprio juízo e a exigir, em todo lugar, uma verdade que não está nas palavras, mas na consciência de relações justas entre os fatos, os indivíduos e os elementos.” (FREINET, 2004, p. 18-19).

Essa perspectiva “progressista” em educação se alinhava aos principais pressupostos e práticas dos educadores defensores da Educação Nova, com os quais Freinet debateu, aprendeu, e a quem também criticou⁹. Com Ferrière, Claparède, Decroly, Bovet e Cousinet, compartilhava a centralidade dada ao sujeito aprendiz, o que promovia o deslocamento da prática educacional. Tendo frequentado os principais círculos em que se realizavam os debates em torno da construção dessa pedagogia renovadora, incluindo as iniciativas alemãs e a escola anarquista, Freinet construía sua proposta, ajustando-a às próprias práticas experimentais (SAMPAIO, 1994; KANAMARU, 2014; MARQUES, ALMEIDA, 2017).

Percebemos a mesma matriz anarquista nas principais propostas e práticas educativas freinetianas, como a centralidade na educação das classes trabalhadoras, o combate a todo tipo de hierarquia e autoritarismo nas relações pedagógicas, a defesa da cooperação, da formação integral da criança e de todos os sujeitos, o que deveria culminar na constituição do pensamento autônomo, crítico, enfim, emancipado. Além disso, a busca do cientificismo, por meio da observação e do ensino racional como alternativa ao dogmatismo religioso, fazia parte desse conjunto de princípios, comuns ao período (ACCIOLY E SILVA, 2011, p. 96-97).

Assim, conforme Ivan Fortunato e Maria do Rosário Porto (2020, p. 3), havia um “solo paradigmático comum” no qual as ideias se alinhavam em vários aspectos com outros pensadores da sociedade e, igualmente, da educação. A origem familiar camponesa e as experiências cotidianas vividas durante a infância e a juventude, na lida com as atividades do campo, marcam sua proposição, na qual escola e vida jamais deveriam ser pensadas em separado.

⁹ Em *Pedagogia do bom senso* (2004, p. 57), Freinet reconhece as virtudes dos estudos de Itard, Seguin, Montessori e Decroly sobre os “anormais” e o cuidado com os ritmos e tempos de aprendizagem requeridos para esse grupo; entretanto, indica ressalvas ao ensino individualizado, defendendo a educação coletiva pelo trabalho, eixo central de sua proposta.



A origem camponesa o aproxima da trajetória de Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909), educador anarquista espanhol fundador do movimento internacional da Escola Moderna em 1901. Outras importantes contribuições parecem ter sido incorporadas por Freinet, como as aulas passeio, a troca epistolar entre estudantes de outras escolas, a produção de jornais escolares (SILVA, 2013, p. 286), práticas já desenvolvidas na Escola Moderna de Barcelona.

Freinet, no entanto, atribui a si a autoria da primeira grande inovação em sua pedagogia: a introdução da tipografia na classe, como uma importante mediadora nas atividades; o uso desse recurso praticamente coincidiu com o início da sua carreira docente, na década de 1920, na costa sul francesa, em Bar-sur-Loup. Incapaz de usar a fala com eficiência, devido a sequelas ocasionadas pela sua participação na I Guerra Mundial, o estímulo ao trabalho coletivo e cooperativo por meio da produção de jornais foi visto como uma alternativa.

A sua limitação física teria sido, portanto, uma das dimensões condicionantes do desenvolvimento dos jornais escolares. O segundo aspecto, próprio do contexto de desenvolvimento industrial e técnico do período, também contribuiu para isso, sendo evidenciado logo na introdução do livro *O jornal escolar*. Após a afirmação de que “cada época tem uma linguagem e utensílios que lhe são próprios” (1974, p. 11), Freinet reconhece o desenvolvimento e a modernização resultantes do desenvolvimento da imprensa, demonstrando seu entusiasmo pelas técnicas tipográficas, na expectativa de superação dos métodos baseados na repetição, cópia e leitura dos manuais escolares. Vemos, portanto, um movimento de apropriação da linguagem e dos gêneros jornalísticos e das técnicas tipográficas, ambas já consolidadas como forma de difusão de ideias e de conhecimento, em larga escala. Percebemos, também, a conciliação entre o caráter ao mesmo tempo humanista e experimental de sua pedagogia, conforme princípios de Ferrer (SOLÀ GUSSINYER, 2010), dialogando com a tecnologia de seu tempo.

Nesse movimento de apropriação (CHARTIER, 1998), Freinet redimensiona a lógica de produção de jornais, agregando o caráter político e crítico, no qual os estudantes são deslocados do lugar de leitores e receptores passivos, para produtores, autores do próprio conhecimento, conforme trecho anteriormente citado, devendo-se considerar “suspeita toda bebida”. Freinet enfatiza a necessidade de desconstruir o jornal como tabu, como o portador da verdade, e afirma:

Infelizmente, a escola tradicional prepara esta submissão dos indivíduos perante a nova deusa: a imprensa. [...] Utilizando o texto livre e o jornal, habituamos os nossos alunos a uma crítica da imprensa, à aceitação e procura dessa crítica. Aprendem a detectar, com um bom senso recuperado, a presença



incorrigível da verborreia e da ‘leitura’, escondida sob o clamor de certas páginas. Aprendem, por experiência, a julgar as obras que lhe são apresentadas, e rapidamente se tornam aptos a descobrir o que se esconde de falso e contraditório nas imponentes rubricas dos jornais. (FREINET, 1974, p. 111).

A crítica se estende aos livros, pretensos representantes dos conhecimentos históricos e científicos legítimos. Segundo Freinet,

Os nossos alunos fazem prospecções e pesquisas cujos resultados não se enquadram forçosamente nas afirmações dos livros. [...] Alunos de nossas aulas criticaram assim páginas de manuais, esboços de história e de ciências; escreveram as suas observações aos editores e aos autores que, em certos casos, reconheceram o fundamento das suas críticas. (FREINET, 1974, p. 112).

No livro *O jornal escolar*, essa fundamentação crítica é igualmente acompanhada de informações técnicas sobre os tipos de jornais possíveis de se produzir, suas potencialidades e limites. Certamente as condições financeiras estão entre os principais condicionantes para se adotar esse método de ensino e, entre essas possibilidades, são apresentados os jornais manuscritos ou datilografados e fotocopiados, os feitos por meio de limógrafos¹⁰, os mimeografados e os impressos utilizando uma mini tipografia. Freinet enfatiza a importância da qualidade do texto, mas também de sua legibilidade, incluindo o espaçamento entre as linhas e sua distribuição na página, a harmonia entre os textos e as ilustrações, a qualidade das cópias.

Identificamos a contribuição de Élise nessa preocupação com a diagramação, e na ideia de que “A arte da edição é, em grande parte, a arte de compor uma página. [...] Um texto é como um quadro. É preciso que o conjunto seja agradável e repousante.” (FREINET, 1974, p. 46). A qualidade estética dos jornais adquire centralidade ao associar sua função no desenvolvimento da personalidade das crianças, que tomam gosto pelo trabalho artesanal bem feito, desenvolvem habilidades para selecionar os conteúdos a fim de equilibrar o texto numa página, apreendem o prazer de aprimorá-los, sempre de forma coletiva e colaborativa.

Os jornais que analisamos a seguir foram produzidos por estudantes e professoras de duas escolas maternas e onze escolas elementares. São bastante variados em termos da materialidade, e por meio de algumas de suas capas, percebemos técnicas mistas, entre aquelas

¹⁰ Em *O jornal escolar* (1974, p. 28) a técnica de impressão por meio do limógrafo consiste na perfuração do stencil (papel que não se rasga), através da lima ou máquina de escrever. O limógrafo (aparelho especial) passa um rolo de tinta sobre o stencil perfurado; a tinta atravessa os perfuradores e cai no papel que se põs abaixo.



indicadas por Freinet: manuscritas, produzidas com máquina de escrever, mimeografadas com duas cores de estêncil, coloridas capa por capa com canetas hidrocor ou sem cor.

FIGURA 1 - Capas de jornais escolares¹¹ (Região de Pinerolo, 1977-1978).



Fonte: acervo da autora 1; originais disponíveis fisicamente no Museu da Escola.

Atentas para o fato de que indícios presentes e ausentes na materialidade dos suportes de escrita fornecem pistas para se compreender melhor os sentidos do texto e do próprio objeto dado a ler (LISBOA, 2020; MCKENZIE, 2018), observamos, nessas capas, que algumas informações foram acrescentadas a mão; na imagem à esquerda, na parte superior, “Anno 1977-78”, e o nome da escola na parte inferior, “Scuola Giovanni XXIII”, provavelmente tinham sido esquecidos no ato da produção; na imagem à direita, na parte superior, a indicação da classe “II D”, o ano escolar “1977-78” e o número da edição “n.2”, indicam que a capa era replicada e reutilizada por uma classe por vários anos, devendo-se acrescentar somente os dados específicos de cada edição¹². Nas capas da esquerda e do centro, aparecem ao alto à esquerda, respectivamente, “Sr. Direttore” e “De Bonis”. Antonio De Bonis Patrignani foi o diretor do segundo círculo didático das escolas públicas da região de Pinerolo durante as décadas de 1970 e 1980, do qual a sede era a Escola Giovanni XXIII. Como diretor aberto a experimentações

¹¹ Tradução dos títulos, da esquerda para a direita: *O carrossel das crianças; O jornal da primeira Guerra Mundial; Feliz Brigada.*

¹² O nome da professora (Insegnante - Ins.) Luigina Maina aparece como parte “estável” da capa, pois as professoras permaneciam/permanecem durante toda a educação elementar com a mesma turma, do primeiro ao quinto ano; isso indica que essa professora seguiu produzindo o jornal por mais de um ano escolar.



didáticas, recebia, comentava e guardava os jornais produzidos nas escolas de sua circunscrição¹³.

Devido à história da produção desse acervo, proveniente de guarda pessoal e posterior doação para acesso público, não podemos dizer se os jornais desse conjunto representam todos aqueles produzidos no período, nem se constituem a totalidade dos que foram recebidos pelo diretor. Além disso, a diversidade marca esse material, sendo poucos os jornais que possuem “séries” completas e consistentes: alguns anunciam ser de tiragem mensal, outros sugerem terem sido produzidos semestralmente; a maioria era produto de uma turma única na escola, enquanto alguns envolviam várias turmas de séries diferentes. Fica evidente, no entanto, se tratar de iniciativas isoladas, e não institucionais; os jornais eram desenvolvidos por professoras que aderiam ao movimento de experimentação pedagógica, e geralmente não possuíam nenhum tipo de apoio, nem mesmo financeiro (JINZENJI, 2021).

Do conjunto desses jornais, identificamos que o conteúdo se relacionava às atividades escolares que envolviam a participação ativa dos estudantes, tanto na produção de registros individuais, por meio de relatos de observações e acontecimentos, contos, desenhos, quanto pelos registros de pesquisas conduzidas por eles, sob orientação das professoras. Quando tivemos acesso ao primeiro número, foi possível encontrar a “proposta editorial” do jornal, que permitiu identificar a afinidade com os pressupostos freinetianos, como é o caso do jornal *Cosa sappiamo fare?* (O que sabemos fazer?) dos estudantes do terceiro ano da escola Borgo Milano, em Beinasco.

EU APRESENTO O NOSSO JORNALZINHO

Antes de tudo há textos livres, poesia sobre a primavera, trabalho de ciências como: a origem da terra, trabalhos sobre o bairro com entrevistas, textos livres sobre tudo. Para fazê-lo foi utilizado: máquina de escrever, matrizes, limógrafo. Gravamos os desenhos e a capa na matriz com agulha. Ao fim, imprimimos 35 cópias do nosso jornalzinho.

TODOS JUNTOS ESCOLHEMOS O TÍTULO: COSA SAPPIAMO FARE?
(COSA SAPPIAMO FARE? s. d., p. 1 [tradução nossa; destaques no original]).

A referência ao texto livre, ao limógrafo e à escolha coletiva do nome do jornal, colocados com ênfase nesse primeiro número e em vários outros títulos, indica a filiação freinetiana. Das muitas possibilidades para explorar esse conteúdo, definimos a centralidade da

¹³ Antonio Patrignani foi autor de livros didáticos infantis, além de contribuir com revistas especializadas produzindo matérias relacionadas à educação escolar e resenhando livros lançados; faleceu em 2011 e sua família doou ao Museu da Escola, os jornais que estavam guardados entre seus pertences.



autoria estudantil por meio da livre expressão e o esforço na sensibilização de estudantes, desde os primeiros anos da educação elementar, para se tornarem sujeitos críticos e ativos. Esses jornais se diferenciam, portanto, de outras iniciativas similares, com teor mais institucional e informativo, conforme discutido por Teive e Dallabrida (2013).

DO ANTIFASCISMO À CRÍTICA À PRECARIIDADE DO TRABALHO OPERÁRIO

A primeira edição de *Lieta Brigata* (Feliz Brigada) foi produzida em 1976 pelos estudantes da primeira classe da escola Don Luigi Balbiano, sob orientação da professora Luigina Maina. Essa mesma professora já havia trabalhado com esse mesmo título com turmas anteriores, de modo que o jornal já possuía 12 anos. Seu conteúdo é quase todo datilografado, provavelmente pela própria professora, com ilustrações produzidas pelos estudantes, e a periodicidade provável é semestral. A primeira página inicia com um editorial:

A todos os amigos enviamos o primeiro número do nosso jornalzinho. Querem saber quantos anos tem “Lieta Brigata”? Nasceu cinco anos antes de nós, ou seja, em 1965. Este ano, nós completamos sete anos. Portanto o jornalzinho tem doze anos. Queremos fazer o jornalzinho porque gostaríamos de ler os textos dos colegas e ficamos felizes que os outros leiam os nossos, e porque desejamos que nossos pais e amigos saibam o que fazemos na escola. E queremos também poder trocar o nosso jornalzinho com tantos jornaizinhos de outras classes. (LIETA BRIGATA, 1977, p.1 [tradução nossa; aspas no original]).

Ao invés de uma simples descrição dos objetivos do jornal, esse editorial permite que nos aproximemos do modo como a professora buscou produzir a compreensão de que os/as estudantes fazem parte de uma iniciativa anterior, além de associar um significado “matemático” para a nova etapa do jornal, por meio de uma representação gráfica de círculos em intersecção e a indicação dos números cinco, sete e doze, logo após o texto. Além desses elementos, a explicitação do desejo de lerem os textos dos/as colegas e serem lidos por eles/as e pelas famílias encontra sintonia com os pressupostos de Freinet que, em *O texto livre* (1973), indica a insuficiência da liberdade de escrever, para que a livre expressão se sustente como técnica de ensino e estímulo à escrita. “Se se menospreza a motivação que a imprensa, o copiógrafo, o jornal escolar e a correspondência interescolar provocam, o texto livre arrisca-se a ser apenas um clarão súbito, com as desilusões que nos acarretará uma nova queda na noite e no erro da escolástica.” (FREINET, 1973, p. 23). Portanto, para Freinet, a escrita livre perde sentido se não há o estabelecimento da comunicação com outras pessoas, sejam elas outras



crianças ou pessoas adultas, que estejam próximas ou distantes; a motivação para a escrita se vincula à expectativa de leitura por alguém.

Entre esses interlocutores estavam, além de colegas de escolas de outras regiões da Itália, autoridades políticas, educacionais, jornalistas e escritores. Gianni Rodari¹⁴, escritor de literatura infanto-juvenil, jornalista e ativista engajado na renovação educacional do período, estabeleceu trocas recorrentes com os redatores de *Lieta Brigata* e, no número 1 do segundo ano, estes transcreveram e publicaram no jornal a troca de correspondências com o autor e jornalista, na primeira página, com o título “Nossas coisas”:

“LIETA BRIGATA” sim? “LIETA BRIGATA” não?
 Estávamos muito indecisos se mudávamos o título do nosso jornalzinho. Ultimamente, quase todos os dias, ouvíamos na televisão que brigadas de... diversas cores¹⁵, realizavam atentados, faziam massacres. Mas se pode mudar o título de um jornalzinho que sai já há treze anos? Não seria mais o mesmo. Certamente os meninos que quiseram chamá-lo assim o seu jornalzinho não podiam nem mesmo imaginar que um dia a palavra “brigada” teria o significado de violência, terror, morte...”
 Então, pedimos conselho aos adultos. Gianni Rodari tem razão em dizer que não devemos dar a vitória aos bandidos. E assim, “LIETA BRIGATA” continua, e continuam a estar lá as “brigadas” que são contra o ódio, a violência, o terror.... (LIETA BRIGATA, 1978, p. 1 [tradução nossa; destaques no original]).

Jamais saberemos como a opinião do jornalista foi compreendida em sua profundidade, fato é que os estudantes se convenceram a manter o nome do jornal. A resposta, transcrita a seguir, indica a sensibilidade de Rodari em apoiar um nome simbolicamente significativo, para os apoiadores de uma reforma política e social como ele, junto a crianças que teriam entre sete e oito anos de idade. Sua carta resposta foi escrita em primeiro de fevereiro de 1978, de Roma:

Espero que a minha opinião chegue a vocês a tempo. Por que mudar “Lieta Brigata”? A palavra “brigada” é muito antiga, muito italiana, muito bonita. E as brigadas partidárias¹⁶? Não devemos dar vitória a aqueles que infringem, com seus delitos, uma palavra que possui seu lugar na literatura e na história da Itália.
 Até logo. Viva “Lieta Brigata”! (LIETA BRIGATA, 1978, p. 1 [tradução nossa; aspas no original]).

¹⁴ Ver mais sobre a relação de Rodari com as escolas experimentais em Luciano Morucci e Ana Maria Novelli, 2000.

¹⁵ Os estudantes estão se referindo provavelmente às Brigadas Vermelhas, grupo extremo radical de esquerda que, entre outras coisas, foi responsável pelo sequestro e assassinato de Aldo Moro, em março de 1978, fato que igualmente foi comentado no jornal *Lieta Brigata*.

¹⁶ Gianni Rodari quer fortalecer o conceito de brigada por meio das brigadas partidárias (brigade partigiane), de resistência à ocupação italiana durante a II Guerra Mundial.



Os jornais também eram desenvolvidos em diálogo com as famílias e com o entorno da escola e da localidade mais imediata. Nesse sentido, é perceptível que, durante o primeiro ano, conhecer os estudantes e se aproximar de suas famílias era o mote para o desenvolvimento das atividades em sala. No segundo número do primeiro ano de *Lieta Brigata* (1978), entre textos livres relacionados às brincadeiras preferidas, às pirraças mais frequentes, etc., são transcritos os resultados das pesquisas realizadas pelos estudantes com suas famílias. Gráficos em barra, produzidos pelos recursos da máquina de escrever, indicam que a maioria dos avós trabalhava na agricultura e a maioria dos pais trabalhavam na FIAT ou em outras fábricas da região. Muitas mães também eram operárias, e outras não trabalhavam.

Cabe contextualizar que, no período pós II Guerra, a região norte da Itália viveu um rápido crescimento industrial e econômico, se constituindo, em poucas décadas, num importante polo produtivo nomeado “triângulo industrial”, que constituía as cidades de Torino, Milão e Gênova. Esse processo provocou a migração interna de famílias da região sul do país e da zona rural das proximidades, que buscavam melhores condições de vida; desse modo, na década de 1960, a população de Torino, cidade que mais cresceu na região, quase duplicou, chegando a mais de um milhão de habitantes (CASTAGNOLI, 1995). As famílias dos estudantes que participaram dessa sondagem publicada no jornal constituíam essa massa de migrantes que passavam a habitar a região metropolitana de Torino, na cidade de Volvera.

O impacto desse movimento migratório nas cidades foi tematizado nos jornais por meio de estudos exploratórios de campo, e também em discussões em classe. Como exemplo desse segundo tipo de atividade, uma espécie de debate realizado após o retorno do recesso natalino, iniciava com os brinquedos ganhos de presente. Perguntas como “Você gostou dos brinquedos que ganhou no natal ou ficou desiludido? Por que?”, “O brinquedo é forte ou possui defeitos?”, “Você olhou o preço?” se desdobravam em discussões sobre as atividades de lazer desfrutados pelas famílias, chegando-se ao que aparentemente a professora pretendia como objetivo final: provocar a reflexão de que viviam em condições precárias, e que os subsídios recebidos pela fábrica financiavam os brinquedos de baixa qualidade nos presentes de natal: “poucos foram comprados pelos nossos pais, a maioria, recebemos como doação dos parentes ou da FIAT onde trabalham nossos pais. Poucas vezes fomos nós a escolhê-los e é por esse motivo que não é sempre que os brinquedos que possuímos são os nossos preferidos.” (LIETA BRIGATA, 1978, p. 15-17 [tradução nossa]). Esta longa matéria, resultante de pesquisa envolvendo as famílias e debates em classe ilustra a crítica cara aos anarquistas e em particular a Ferrer y Guardia, sobre a imoralidade de todo trabalho que fomenta a exploração humana, como o trabalho fabril (*apud* SOLÀ GUSSINYER, 2010).



O tema da migração segue sendo o argumento para estudos interdisciplinares durante os anos seguintes e, pelo que constatamos, tinha também sido desenvolvido com as turmas anteriores. Em 1979, quando a turma estava no terceiro ano, foi publicado um estudo comparativo envolvendo os estudantes de toda a escola, e o resultado, comparado com os dos jornais da década de 1960, resulta:

QUADRO 1 - Relação de estudantes nascidos em Volvera e Migrantes.

	Total estudantes	Volverese	Migrantes
3º ano D 1979	22	5	17
Toda a escola 1969	163	83	80
Toda a escola 1979	473	62	411

Fonte: LIETA BRIGATA, 1979, n. 2, s.p. (síntese produzida pelas autoras).

Verificamos que, em 10 anos, de 1969 a 1979, a população escolar seguiu crescendo vertiginosamente, refletindo o processo migratório para a região. A preocupação em produzir uma espécie de “consciência histórica” envolvendo os temas que impactavam o cotidiano da própria vida dos estudantes demonstra o engajamento de uma educadora que utilizou, na sua prática docente, o jornal escolar como um dos métodos de ensino. O uso dos jornais de turmas anteriores como material para o estudo comparativo e a produção de uma história local, que conta com a participação dos estudantes, evidencia a centralidade destes na produção do conhecimento e dos próprios materiais de estudo, em substituição dos livros e manuais, conforme proposto por Freinet.

Ainda no desenvolvimento desse tema, num processo metalinguístico, os estudantes de 1979 recuperaram e republicaram uma matéria que estudantes do quinto ano, transcreveram do jornal católico *Avvenire* (publicado em Lieta Brigata n. 2, de 1970-1971). O título é “De tranquila cidade agrícola a sede de várias fábricas - Volvera: um ‘boom’ industrial. Na região, falta entretanto, casas populares - serviços públicos inadequados” (LIETA BRIGATA, 1979, s.p.) A página, constante na figura 2, a seguir, apresenta o texto, que avalia as vantagens do desenvolvimento industrial da região, que criou 20.000 empregos diretos, e pondera sobre os problemas de habitação dessa população.



FIGURA 2 - Matéria de Lieta Brigata (1970/1971), transcrita em Lieta Brigata 1979

Da "LIETA BRIGATA" n.2 - Anno scol. 1970/71 -Classe V
 (Abbiamo tratto il seguente articolo dal quotidiano "L'AVVENIRE" - 29/12/1970
 "DA TRANQUILLO PAESE AGRICOLO A SEDE DI MOLTE FABBRICHE .

Volvera: un «boom» industriale

NELLA ZONA MANCANO PERO' LE CASE POPOLARI-INADEGUATI I SERVIZI PUBBLICI

Tranquillo paese agricolo fino a pochi anni fa . La gente lavorava la terra, qualcuno lavorava alla FIAT , con spostamenti periodici alle officine Mirafiori, oppure alla Riv-Skf di Airasca.
 Poi il boom di Rivalta ,migliaia di operai ,una rete stradale più efficiente e le prime "boite" che sorgevano alla periferia del paese.
 Volvera -al 1967 può essere datato l'inizio del suo lancio industriale- da centro agricolo sta progressivamente trasformandosi in una località dedita all'industria. E' un'industria collaterale alla FIAT :si tratta di pezzi che poi vengono smerciati allo stabilimento di Rivalta. Costruire nei dintorni di Volvera é stato facile. Ampi spazi verdi , modesto il costo del terreno ,possibilità di acquisire mano d'opera scarsamente specializzata - con notevole facilità ed a costi abbastanza modesti. Due fattori questi che hanno orientato alcuni piccoli e medi industriali verso il territorio di Volvera.

Questo comune ,inoltre, trova anche vantaggio dalla sua posizione strategica: praticamente il paese confina con i maggiori centri industriali della prima e seconda cintura torinese: da una parte Orbassano ,poi None con i tremila dipendenti dell'Indesit ,Airasca con lo stabilimento Riv-Skf, sempre in continuo ampliamento; e naturalmente Rivalta con il suo stabilimento a metà strada tra Piossasco ed Orbassano. Possibilità di lavoro notevolissime: e la piccola industria sorte ai confini di Volvera praticamente é in grado di servire le più svariate esigenze della grossa industria.

Per avere un'idea ,sia pure approssimativa, delle possibilità di sviluppo di questa piccola industria volverese, basta fare un calcolo di tutte le grosse e medie industrie che essa é potenzialmente in grado di servire. Le grosse industrie sono una ventina ; e complessivamente tra Piossasco ,Orbassano, Rivalta ,None, Airasca occupano circa ventimila persone. E ciò su una popolazione residente di circa sessantamila unità.

Indubbiamente, però, questo "boom" industriale di Volvera porta con sé pure qualche elemento sfavorevole e preoccupazioni per il prossimo futuro. Manca completamente un'edilizia economico-popolare , i servizi pubblici di trasporto sono inadeguati , é insufficiente la delimitazione tra zona residenziale e zona industriale. Praticamente però c'è da considerare che il "boom industriale" é stato così improvviso che non c'è stato materialmente il tempo di programmare una serie di interventi per dare ordine a questo sviluppo.

Adesso comunque é giunto il momento di pensarci seriamente.

Fonte: acervo da autora 1; originais disponíveis fisicamente no Museu da Escola.

O mapa, produzido provavelmente pelos estudantes, auxilia na compreensão da distribuição geográfica das cidades da periferia que abrigam as fábricas e seus trabalhadores. Ao final da matéria, se diz:



Há uma completa falta de habitação popular econômica, os serviços de transporte público são inadequados, a delimitação da zona inicial é insuficiente. Na prática, porém, deve-se considerar que o boom industrial foi tão súbito que materialmente não houve tempo para planejar uma série de intervenções para ordenar esse desenvolvimento. Agora, porém, chegou a hora de pensar seriamente. (LIETA BRIGATA, 1979, s.p. [tradução nossa]).

Na sequência, uma atividade que envolveu essa mesma temática, intitulada “A minha casa e a sua história”, levou os/as estudantes a apresentarem as suas casas, e o texto de sete estudantes foi publicado, nesse mesmo número de 1979, dos quais destacamos o de Carmelina. Em seu relato, menciona os prédios populares construídos em convênio com a FIAT mas que, antes de serem concluídos, foram invadidos e ocupados e, aparentemente sem finalização, a empresa abandonou a obra. Segundo a estudante,

“nós viemos com os primeiros ocupantes. [...] Inicialmente não gostava de morar numa Casa Popular, porque faltava tanta coisa: devíamos iluminar a casa com candeeiro, e carregar a água com balde até o quarto andar. Não havia ainda elevadores e as escadas não terminavam nunca. Agora, no entanto, estou satisfeita porque não falta mais nada, e também, há muitas crianças com quem posso me divertir e muito espaço para brincar.” (LIETA BRIGATA, 1979, s.p. [tradução nossa]).

Não conseguimos encontrar maiores informações sobre esse processo de melhoria nas condições de moradia, mas constava, nesse estudo, que ao todo, nove estudantes residiam nessas casas populares ocupadas, o que representava quase a metade dos estudantes da classe.

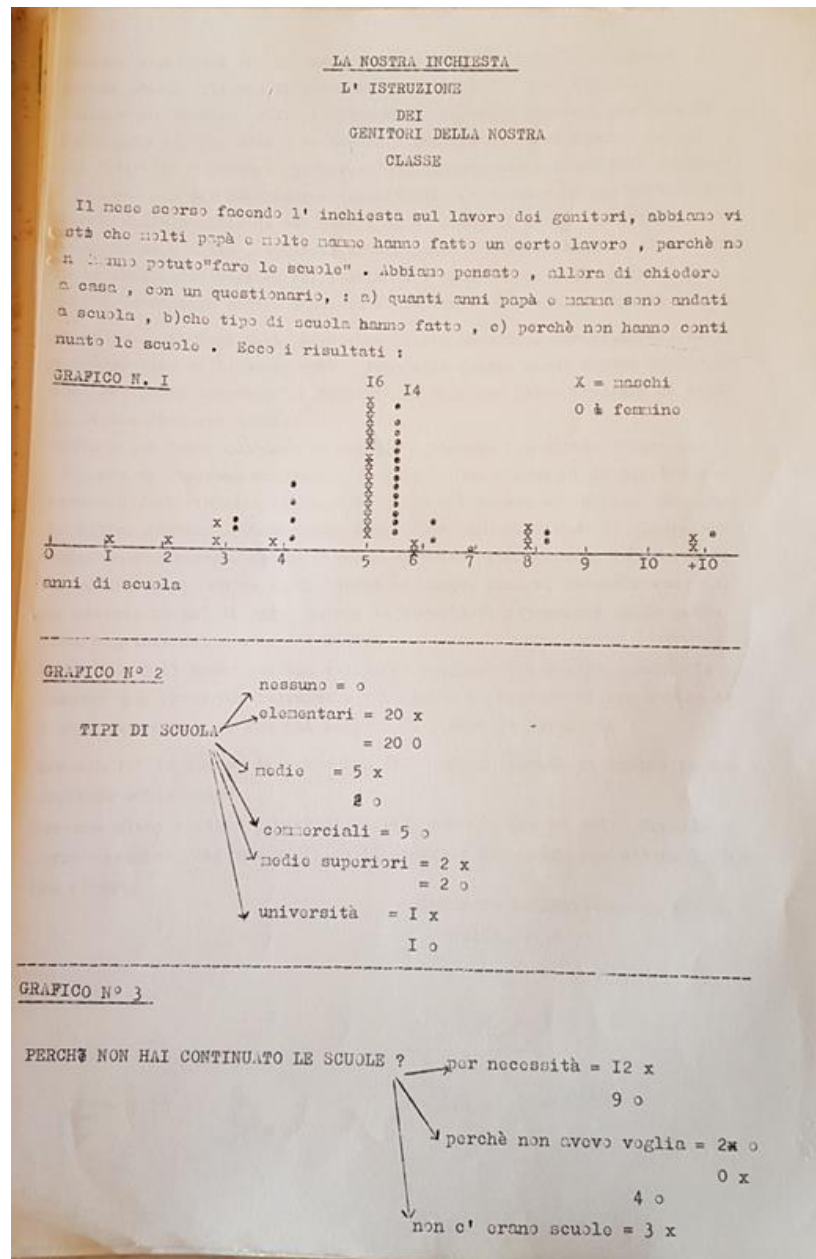
Essa temática e tipo de estudo realizados pelos estudantes e publicado nos jornais não era exclusividade desta escola ou da professora Luigina Maina. Encontramos, por exemplo, na escola Dante di Nanni, de Borgaretto, estudantes do quarto ano, que produziram o jornal *Informatutto*, realizando o mesmo tipo de pesquisa, envolvendo o contexto familiar. Na figura 3 a seguir, a síntese da pesquisa apresenta o processo de produção das atividades, traduzida parcialmente abaixo:

No mês passado, fazendo a pesquisa sobre o trabalho dos pais e mães, vimos que muitos têm determinado tipo de trabalho, porque não puderam “ir à escola”. Pensamos, então, em fazer um questionário: ‘quantos anos o pai e a mãe estudaram; que tipo de escola frequentaram; por que não continuaram a estudar.’ (INFORMATUTTO, 1974, p. 6 [tradução nossa; destaques no original]).

O resultado é apresentado em três gráficos, distribuindo-se os genitores por sexo.



FIGURA 3 - Sobre a escolaridade dos pais



Fonte: acervo da autora 1; originais disponíveis fisicamente no Museu da Escola.

Na síntese final, na página seguinte, um texto “elaborado coletivamente por nós da IV A”, indica que a professora trouxe boletins escolares do avô, do pai e dela própria quando estudava na escola elementar, para mostrar as diferenças entre as disciplinas do passado e a que eles estudavam; discutem sobre a relação entre estudo e oportunidades de trabalho e os estudantes concluem sobre a importância de frequentar a escola, para não permanecerem analfabetos e como os oito anos de escola são necessários para se conseguir um trabalho qualificado.



Outros temas que aproximavam as famílias à escola e buscavam dar visibilidade à diversidade que impactava as escolas naquele período se referiam à origem regional dos estudantes migrantes, os hábitos alimentares de suas famílias, os dialetos de origem, as memórias dos avós sobre a segunda guerra mundial; a dimensão da crítica social pode ser percebida pelas *aulas passeio*, também parte da metodologia desenvolvida por Freinet, que resultavam, por exemplo, em matérias sobre a poluição dos rios e campos pelo acúmulo de lixo, sobre as estratégias da publicidade televisionada para provocar o consumo alienante, sobre a história da escola e a importância das aulas em tempo integral para que as mães possam trabalhar.

A semelhança entre os conteúdos de diferentes jornais pode ter sido motivada inicialmente pela influência comum, ou seja, os estudos da obra de Freinet, e pode ter sido mantida pelas trocas interescolares. Vários dos jornais analisados possuem uma parte inicial dedicada a comentar sobre os exemplares recebidos e também publicavam conteúdos de jornais de outras escolas. As trocas, conforme apontado por Freinet, não deveriam se reduzir a cartas entre estudantes de escolas diferentes, mas deviam envolver o próprio jornal e demais objetos que possam ampliar a experiência escolar e aproximar as pessoas.

Os estudantes de Beinasco, no jornal *Cosa sapiamo fare?*, num de seus números, indicam elementos que possibilitam compreender o teor dessas trocas: “No jornalzinho anterior, havíamos informado a vocês sobre a correspondência por nós iniciada e das respostas tidas de Cercenasco e Scalenghe [...] e Villafranca¹⁷.” Mencionam que haviam enviado o primeiro número do jornal, o desenho de alguma parte do corpo de cada um, como as mãos, os pés, cartões postais, notícias sobre os serviços existentes na cidade, além de doces tradicionais de suas cidades de origem, feitos pelas mães.

Outros jornais informam a correspondência com escolas de outras regiões da Itália, como o *Lieta Brigata*, e ao identificarmos todas as escolas com quem estabelecia trocas, foi possível elaborar o mapa da figura 4, no qual a cor laranja representa a região do Piemonte, onde se encontrava Volvera. Vemos, assim, pelo exemplo de um jornal, a ampla circulação que foi estabelecida pelas trocas interescolares que, mesmo se não tiverem sido duradouras, indicam o estabelecimento de práticas inspiradas numa proposta pedagógica que ultrapassou fronteiras e se manteve viva por muitas décadas.

¹⁷ Localizam-se na região do Piemonte.



FIGURA 4 - Mapa das regiões com as quais o jornal *Lieta Brigata* estabelecia correspondência interescolar.



Fonte: Elaborado pelas autoras; Lieta Brigata, 1976, 1977, 1978, 1979.

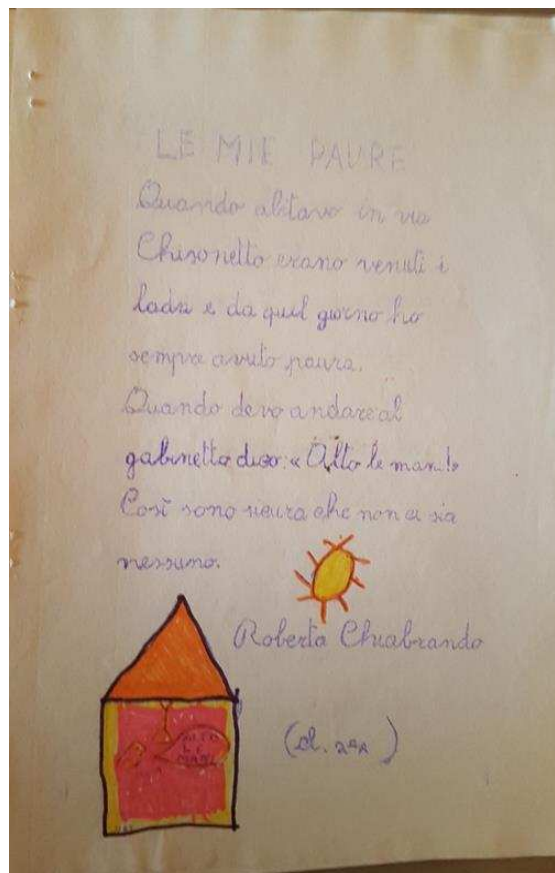
CONCLUSÃO

Não poderíamos deixar de falar, neste artigo, sobre a apropriação do *texto livre* por parte das professoras e também dos estudantes. Aparentemente é paradoxal, se o confrontarmos com os conteúdos resultantes de questionários, observações, entrevistas, análises, organização de dados em gráficos, sínteses críticas, pois todos eles remontam ao caráter científico e racional das atividades desenvolvidas pelos estudantes. Entretanto, entendemos que o *texto livre*, base de todo o trabalho que foi sendo aprimorado ao longo das décadas e que tinha o jornal como motivador, compõe o balanço necessário à racionalidade dos conteúdos que analisamos anteriormente.

Os jornais analisados contêm, em sua maior parte, *textos livres*, reunidos por vezes sob seções nomeadas como “histórias reais” ou “histórias inventadas” e predominam sobretudo nos jornais dos primeiros anos escolares. Mesmo imaginando que todo o processo de ajustes do texto com participação coletiva foi realizado em sala e que foram votados e selecionados democraticamente entre pares, a participação efetiva dos estudantes na produção dos jornais fica mais visível quando temos um exemplar manuscrito, como é o caso do *La giostra dei bambini*, da escola Giovanni XXIII, conforme a Figura 5.



FIGURA 5 - História real publicada no jornal *La giostra dei bambini* (2o ano, 1977-78)



Fonte: acervo da autora 1; originais disponíveis fisicamente no Museu da Escola.

Aparentemente escrito sobre stencil e reproduzido por mimeógrafo, essa história em particular ilustra os elementos centrais do *texto livre*: a carga afetiva e a liberdade para se expressar. De autoria de Roberta Chiabrande, diz:

Os meus medos

Quando eu morava na rua Chisonetto, vieram ladrões e desde esse dia, tenho tido sempre medo. Quando devo ir ao banheiro, digo: “Mãos ao alto!”. Assim, me asseguro de que não esteja ninguém. (classe 2a A) (LA GIOSTRA DEI BAMBINI, 1977-78, p. 17 [tradução nossa; destaques no original]).

O desenho, que completa a página, busca ilustrar a cena, com alguém dizendo “Mãos ao alto”, de dentro de uma casa vivamente colorida. Não é possível saber se essa cópia específica foi colorida, por ser o exemplar a ser entregue ao diretor, ou se todas elas foram coloridas, resultando em um trabalho coletivo e cooperativo em larga escala, considerando-se as 26 páginas desse número e a tiragem de dezenas de cópias.

Resta a nós imaginarmos por onde teria circulado, quem teria lido e que impactos causou textos como esse, e como Roberta se sentiu podendo explicitar, por meio da escrita, uma



experiência que lhe afetou emocionalmente, e que compartilhava com outras pessoas. Tratava-se de um contexto em que a escola não era parte da vida, mas era a própria vida, desenvolvendo. Segundo Élise Freinet,

A criança abstrata que os educadores famosos estudavam, com tantos detalhes sutis, as faculdades da alma em termos herméticos, em um jargão de especialistas visando sempre os mesmos temas, a criança psicológica desses especialistas não fazia parte de seu mundo de professor do povo. Seus alunos estavam diante dele, cheios de uma vida transbordante, e era essa vida que era preciso captar em seus impulsos mais dinâmicos. Ele o sabia, no mais profundo de si mesmo: *A Vida se prepara pela Vida*. (FREINET, 1979, p. 19 [destaque no original]).

No trecho acima, Élise Freinet reforça o distanciamento em relação aos escolanovistas, que estudavam crianças abstratas e de modo asséptico. A infância viva demandava uma escola e um/a professor/a que não se distinguiam dos estudantes e que, sendo reflexos deles, ensinariam e aprenderiam sobre a própria vida, sobre as condições concretas de existência, e sobre tudo o que lhes dava sentido (ou sede).

REFERÊNCIAS

ACCIOLY E SILVA, Doris. Anarquistas : criação cultural, invenção pedagógica. **Educ.Soc.**, Campinas, v. 32, n. 114, p. 87-102, jan./mar. 2011. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302011000100006>.

BANDINI, Giancarlo. Pour une école coopérative et socialement engagée: diffusion et révision de l'oeuvre de Célestin Freinet en Italie. **History of education & children's literature**. Macerata, VIII, 2, p. 357-376, 2013.

CASTAGNOLI, Adriana. **Torino dalla ricostruzione agli anni Settanta**. Milano: Franco Angeli, 1995. 176 p.

CHARTIER, Roger. **As Utilizações do Objecto Impresso** (Séculos XV-XIX). Portugal: DIFEL, 1998. 437 p.

COSA SAPIAMO FARE? Beinasco, Scuola Borgo Milano, s.d.

DETTI, Ermano; DI RIENZO, Mario; VERGALLI, Teresa. **Il giornalino scolastico in Italia**. Resoconti e analisi di un'esperienza. 1a ed. Teramo: Lisciani & Giunti Editori, 1982. 199 p.

ELIAS, Marisa del Cioppo. **Célestin Freinet**. Uma pedagogia de atividade e cooperação. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 108 p.



FORTUNATO, Ivan; PORTO, Maria do Rosário Silveira. O método natural e o pensamento complexo: uma relação possível para a educação escolar. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v.46, 3219428, 2020. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046219428>.

FREINET, Célestin. **O jornal escolar**. Trad. Filomena Quadros Branco. Lisboa: Editorial Estampa, Lda, 1974. 136p.

FREINET, Célestin. **O texto livre**. Trad. Ana Barbosa. Lisboa: Oficinas de S. José, 1973. 96 p.

FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom senso**. Trad: J. Baptista. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 95 p.

FREINET, Élise. **Nascimento de uma pedagogia popular**. Os métodos Freinet. Trad. Rosália Cruz. Lisboa: Editora Estampa, 1978. 472 p.

FREINET, Élise. **O itinerário de Célestin Freinet**. A livre expressão na pedagogia Freinet. Trad. [ilegível]. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. 166 p.

GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, José. Célestin Freinet, la escritura en libertad y el periódico escolar: un modelo de innovación educativa en la primera mitad del siglo 20. **Hist. Educ.** Porto Alegre, v. 17, n. 40, p. 11-26, maio/ago. 2013.

HERNÁNDEZ HUERTA, J. L. Extensions of schooling environments into the local Community, and social construction of democracy in Spain (1931-1939). Contributions made by the Freinet pedagogical movement. **Cadernos de História da Educação**. Uberlândia, v.18, n.1, p.122-145, jan./abr. 2019.

HUERTA, José Luis Hernández; SANCHEZ, Alba María Gómez. Debating education and political reform: the Freinet movement and democratization in Spain (1975-1982). **Hist. Educ.** Porto Alegre, v. 20, n. 49, p. 95-122, maio/ago. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/61932>.

IL GIORNALINO DELLA PRIMA GUERRA MONDIALE. Airali, Scuola Airali, 1978.

INFORMATUTTO. Borgaretto, Scuola Dante di Nanni, 1974.

JINZENJI, Mônica Y. Apropriações da pedagogia de Célestin Freinet na produção de jornais escolares (Itália, década de 1970). In: MOREIRA, Kênia Hilda; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (Org.). **Impressos que educam**. Campinas: Mercado de Letras, 2021. V. 1, p. 155-174.

KANAMARU, Antonio T. Autonomia, cooperativismo e autogestão em Freinet: fundamentos de uma pedagogia solidária internacional. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v. 40, n. 3, p. 767-781, jul./set. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-97022014005000007>.

LA GIOSTRA DEI BAMBINI. Pinerolo, Scuola Giovanni XXIII, 1978-1979.

LIETA BRIGATA. Volvera, Scuola Giovanni XXIII, 1976-1979.



LISBOA, João Luís. Edições num mundo sem editores. *In*: CHARTIER, Roger; RODRIGUES, José Damião; MAGALHÃES, Justino (Orgs.). **Escritas e cultura na Europa e no Atlântico modernos**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2020. p. 41-64.

LORENZO, Manuel Ferraz. Um ejemplo de renovación pedagógica em Canarias durante los años 30: tras el rastro y los retos de las técnicas Freinet. **Hist. Educ.** Porto Alegre, v. 20, n. 50, p. 157-175, set./dez. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/64674>.

MCKENZIE, Donald Francia. **Bibliografia e a Sociologia dos Textos**. São Paulo: Edusp, 2018. 184 p.

MARQUES, Amanda Cristina Teagno Lopes; ALMEIDA, Maria Isabel de. A documentação pedagógica no pensamento de Célestin Freinet. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 214-236, jan./mar. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2017v35n1p214>.

MORUCCI, Luciano; NOVELLI, Ana Maria. **Rodare la fantasia con Rodari ad Ascoli**. Provincia di Ascoli Piceno, 2000. 233 p.

OSSERVIAMO GLI ANIMALI. Airali, Scuola Airali, 1978.

PETTINI, Aldo. **Origini e sviluppo della cooperazione educativa in Italia**. Milano: Emme Edizioni, 1980. 237 p.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker Ferreira. **Freinet – evolução história e atualidade**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1994. 239 p.

SILVA, Rodrigo Rosa da. **Anarquismo, ciência e educação: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920)**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, 2013.

SOLÀ GUSSINYER, Pere. Las coordenadas Morales y filosófico-educativas de Ferrer. **Educació i Història: Revista d'Història de l'Educació**, n. 16, p. 43-78, juliol-desembre, 2010.

TEIVE, Gladys; DALLABRIDA, Norberto. O jornal 'A Escola' e a construção da escola moderna e republicana (Laguna, década de 1910). **Hist. Educ.** Porto Alegre, v. 17, n. 40, p. 55-68, maio/ago. 2013.

Recebido em: 26 de julho de 2022
Aceito em: 16 de dezembro de 2022